

INSTITUTO HISTÓRICO E

GEOGRÁFICO DE PIRACIGABA - IHGP

ANO X

2003

GESTÃO 2002/2004

Edição Especial

*Centenário do Nascimento de
Luciano Guidotti*

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA**

FUNDAÇÃO 01/08/1967

GUARDIÃO DA HISTÓRIA PIRACICABANA



**de
Luciano Guidotti**

Gestão 2002/2004

José Luiz Guidotti

*Centenário do Nascimento de
Luciano Guidotti*



**Edição
Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba
2003**

INSTITUTO HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE PIRACICABA
DIRETORIA
(2002 a 2004)

Presidente
HALDUMONT NOBRE FERRAZ
Vice-Presidente
MOACYR DE OLIVEIRA
CAMPONEZ DO BRASIL
SOBRINHO
1º Secretário
FRANCISCO DE ASSIS FERRAZ
DE MELLO
2º Secretário
THIMOTÉO JARDIM
1º Tesoureiro
FLÁVIO RIZOLO
2º Tesoureiro
OSWALDO CAMBIAGHI
Orador
ANTÔNIO HENRIQUE DE
CARVALHO COCENZA
Bibliotecária
MARLY THEREZINHA GERMANO
PERECIN

IHGP
Revista do Instituto Histórico e
Geográfico de Piracicaba
Ano X - 2003 - Edição Especial

Coordenador da Revista
FREDERICO PIMENTEL-GOMES

O IHGP é uma publicação do
Instituto Histórico e Geográfico de
Piracicaba

INSTITUTO HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
CNPJ 50.853.878.0001-48
Rua do Rosário, 781
13400-180 Piracicaba-SP - Brasil
Telefone: (19) 3434-8811
E-mail: ihgp@ig.com.br

EDITORAÇÃO E IMPRESSÃO
Gráfica e Editora Degaspari
R. Barão de Piracicamirim, 1926
Fone/Fax: (19) 3433-6748
13416-150- Piracicaba-SP
E-mail: graficadegaspari@bol.com.br

IHGP

INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA

*Edição Especial Comemorativa do
Centenário de Nascimento de
Luciano Guidotti*



- 13-12-1903

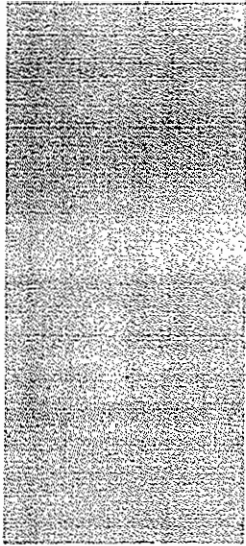
† - 07-08-1968

Capa: Jelzo Oliveira dos Santos

Fotos da Capa: Foto Toledo - Luiz Antonio Pinto de Toledo

Fotos: Arquivo do IHGP e Acervo da Família Guidotti

Revisão: Prof. e Pedagoga Katia Cristina Fernandez Guidotti



APRESENTAÇÃO

Haldumont Nobre Ferraz
Presidente do IHGP

Historia magistra Vitae

“História Mestra da Vida”

Piracicaba comemora os cem anos do nascimento de um grande Homem, Pai e Prefeito.

Luciano Guidotti, o administrador que, em duas gestões, exercendo a chefia do Poder Executivo, deu, a nossa amada cidade, início à arrancada rumo ao progresso, realizando as obras que lhe viabilizaram a expansão urbana e o desenvolvimento nas áreas industrial, comercial e social.

Um dos marcos do seu trabalho é mostrado pela sua presença constante nas criações educativas, culturais, esportivas e filantrópicas, como ocorreu com o nosso querido Instituto Histórico e geográfico de Piracicaba, que completa 36 anos de existência, e que foi fundado durante uma das suas gestões, com seu indispensável apoio.

Imbuída pela finalidade de agradecer pelo bem que dele recebeu este Instituto, a atual diretoria vem homenageá-lo com a edição de um número Especial da sua Revista oficial.

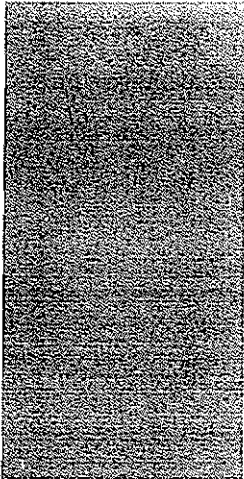
A escolha para discorrer sobre a vida e a obra desse grande personagem recaiu sobre a pessoa do seu sobrinho José Luiz Guidotti, nosso confrade e já consagrado escritor e historiador, também navegador fluvial. Para se desincumbir dessa tarefa, não há ninguém mais preparado que ele, não somente devido às suas relações familiares, mas também porque, em vista da sua atuação na política na mesma época, tem conhecimento pessoal de todos os seus feitos.

Em resumo, nosso propósito é o de que a leitura desta Revista nos leve a tomarmos consciência da grande responsabilidade que cabe a Luciano Guidotti, a de ter, nas duas gestões que empreendeu, deixado escrito um novo capítulo na história da nossa querida cidade de Piracicaba.

7

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial



Centenário de Luciano Guidotti

José Luiz Guidotti

Luciano Guidotti, filho dos imigrantes italianos, Nazareno Guidotti e Anna Maria Radicchi Guidotti, da cidade de Bolsena, pequeno povoado localizado a 60 quilômetros ao norte de Roma, que chegaram ao Brasil em 1º de julho de 1897, vindos pelo navio *Agordat*.

Embarcaram na Itália, o casal e três filhos: Joseppa (Beppa ou Peppa), Augusto e Giacinto.

Ao desembarcar em Santos, a família Guidotti julgava ter chegado ao Eldorado, como o Brasil era “pintado” na Europa para atrair imigrantes. Falavam que aqui tropeçava-se em ouro e achava-se dinheiro nas ruas. Mas a verdade foi bem diferente. Depois do desembarço da papelada, a família foi levada para uma hospedaria para imigrantes na cidade de São Paulo.

Alguns dias depois, Nazareno tomou conhecimento que o destino de sua família era a cidade de Avaré, interior de São Paulo, ou melhor, no sertão do Estado de São Paulo.

Em Avaré teve início a história da família Guidotti no Brasil.

Luciano foi o primeiro filho a nascer no Brasil, na mesma Avaré, no dia 13 de dezembro de 1903.

Depois de Luciano, o casal Nazareno e Anna Maria teve mais os filhos Miguel (1905), Pedro (1911), João (1914) e Luiz (1916).

Luciano era ainda jovem quando seu pai faleceu tragicamente em Avaré. Como filho mais velho coube-lhe a responsabilidade de ajudar a mãe na criação dos irmãos, pois Luiz, o caçula, contava com apenas 5 anos de idade. Nazareno deixou como herança um sítio e uma casa comercial. Anna Maria ficou “tocando” o sítio, enquanto Luciano e Miguel, este com 15 anos de idade, cuidavam da loja, que era uma vidraçaria. Miguel, logo que atingiu a maioridade, deixou Avaré e seguiu para Limeira para tentar a sorte em uma cidade maior.

9

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial

Luciano não demorou para imitar seu irmão, indo também para Limeira, tornando-se sócio de Miguel numa vidraçaria, ramo que conheciam muito bem. Neste ínterim, a irmã "Peppa", que havia se casado, mudou-se para Rio Claro.

A saga de comerciante não o deixava preso em sua loja, pois Luciano, sempre que podia, saía a procura de novos clientes. O negócio prosperou, pois os irmãos trabalhavam de sol a sol. Aliás, começavam a jornada de trabalho antes mesmo do sol nascer, e só paravam quando era noite avançada. Muitas vezes, levantavam de madrugada para preparar a massa para fixar os vidros nas janelas. Eles mesmos mediam, cortavam os vidros e os colocavam nas janelas. Ouvi de meu tio Luciano várias vezes esta história, que no final, não deixava de acrescentar que: — "*Nós tínhamos que trabalhar, pois, não dava para pagar um empregado.*"

Quando Miguel se casou, Luciano deixou a sociedade, por achar que a firma seria pequena para sustentar duas famílias. Foi ao encontro de sua irmã que morava em Rio Claro, entrando na sociedade da loja de seu cunhado Honestário Negrão. A loja era de miudezas, e Luciano transformou-a em loja de louças e utensílios domésticos. Mas na verdade, vendia um pouco de tudo. Em pouco tempo a loja trocou de nome passando a chamar "Loja dos Dois Mil Réis", como as atuais lojas de 1,99, que são versões modernas da "Loja dos Dois Mil Réis" que Luciano idealizou há quase 80 anos. Ele teve a visão de um negociante do Século XXI!

Naquele tempo, em Rio Claro, o jovem comerciante Luciano Guidotti ouvia dizer maravilhas sobre a vizinha cidade de Piracicaba. Como a estrada era ruim e ele não possuía uma condução, conhecer Piracicaba ficava só na vontade. Mas um dia, a curiosidade venceu a dificuldade e ele veio conhecer Piracicaba. Ficou maravilhado com a cidade. Pensou: "*Isso é cidade para se ganhar dinheiro...*".

Sem demora, vendeu sua parte da loja em Rio Claro e rumou para Piracicaba de "mala e cuia", chegando aqui no início de 1929.

Seu primeiro estabelecimento comercial na Noiva da Colina foi uma pequena vidraçaria localizada no Largo do Mercado, próximo de onde está atu-



Foto tirada em 7 de setembro de 1929, no fundo da loja do Largo do Mercado, onde aparecem João, Luciano e Luiz Guidotti

almente o Hotel Explanada. Não demorou para ampliar a loja, mudando para a Rua Governador Pedro de Toledo, 1273, esquina com a D. Pedro I, em frente onde se localiza atualmente a Cybelar. Junto com a vidraçaria, colocou artigos de presentes, louças, alumínio e miudezas. Foi a primeira “Loja dos Dois Mil Réis” que Piracicaba conheceu. Mesmo com razoável movimento em seu estabelecimento comercial, montou ao lado da loja um salão de barbeiro, profissão que havia aprendido quando ainda residia em Avaré. Assim iniciou sua vida comercial em Piracicaba, e assim, trabalhando dia e noite, começou a construir sua imensa fortuna.

O primeiro dinheirinho que sobrou, investiu na compra de uma motocicleta vermelha, último tipo. Era moderna. Uma maravilha! Com muitos canos cromados que ele alisava com flanela durante a semana, para aos domingos ir a Rio Claro visitar a irmã, o cunhado e os sobrinhos, que já eram três.

Em uma de suas idas para Rio Claro, parou em uma venda na beira da estrada para comer algo, pois com a pressa de ir ver a família, não havia comido naquela manhã de domingo ensolarado. Foi na venda que o destino o esperava. Foi ali que conheceu uma linda garota de olhos azuis chamada Amélia. Foi amor à primeira vista. Mas “seu” Domingos assim não julgava, pois não queria nem saber que sua filha se aproximasse daquele desconhecido. — *“Onde já se viu, minha filha conversando com um desconhecido aventureiro que anda com uma motocicleta por essas estradas desertas. Ele que se atreva a chegar perto dela.”*

A partir daquela viagem, toda vez que ia para Rio Claro, parava na venda do “seu” Domingos. Era ele chegar, para Amélia correr para dentro de casa, pois era essa a ordem do pai.

Luciano não se conformava com aquela situação, e com seu jeito simplório e simpático, aos poucos foi fazendo amizade com o “velho”. Já com certa intimidade com o “seu” Domingos Bovi, contou algumas passagens de sua sofrida vida. Falou que tinha uma irmã que residia em Rio Claro e este era o motivo de suas visitas aquela cidade. As conversas com o vendeiro eram longas, até que um dia criou coragem e pediu ao “velho” permissão para conhecer sua filha. Era assim mesmo naquela época. Precisava pedir permissão para conhecer a moça! Ao receber o sim, era a autorização para iniciar o namoro. Luciano e Amélia, até então tinham conversado uma única vez. O namoro que ambos estavam mantendo consistia de olhares a distância, quando ela tinha oportunidade de passar por onde ele estava, trocava poucas palavras com seu pretendido.

11

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial

Com a permissão do pai, iniciou-se um namoro muito vigiado, que era costume na época, ainda mais quando o namoro era com um “aventureiro desconhecido”. O namoro foi curto. Logo ficaram noivos e o casamento não tardou a acontecer.

Em Piracicaba, os recém casados foram residir nos fundos da “Casa dos Dois Mil Réis”.

Naquele tempo a água servida à população da cidade,

vinha sem nenhum tipo de tratamento do Rio Piracicaba, ao natural, e que chegava barrenta às torneiras das casas. Como Amélia não estava acostumada com aquilo, enchia várias vasilhas com água, deixando decantar. Quando a sujeira se assentava, a água era coada e fervida. Após esta operação é que era usada para beber, para fazer comida e para lavar roupas.

O casal tinha a saga de prosperar na vida. Assim sendo, trabalhava muito. Luciano não parava de trabalhar, ora na vidraçaria, ora na loja e no salão de barbeiro. Quando o marido saía para tirar medidas ou entregar algum serviço, Amélia, além do serviço da casa, atendia os clientes da loja. Muitas vezes levantava de madrugada para preparar a massa de fixar vidros.

A “Casa dos Dois Mil Réis” ia de vento em popa, tanto é que Luciano precisou desativar a barbearia para ampliar a loja. Com a ampliação da loja veio a aumento considerável dos itens a vender. Foi aí que surgiu a “Casa Guidotti”. O progresso da loja foi tão grande, que o prédio havia ficado pequeno, havendo a necessidade de procurar um maior. Foi nesta época, início do ano de 1931, que Luciano comprou seu primeiro imóvel em Piracicaba, localizado na Rua Governador Pedro de Toledo, onde está atualmente uma das farmácias da Drogal, em frente à Porta Larga. Foi ali que, em 5 de

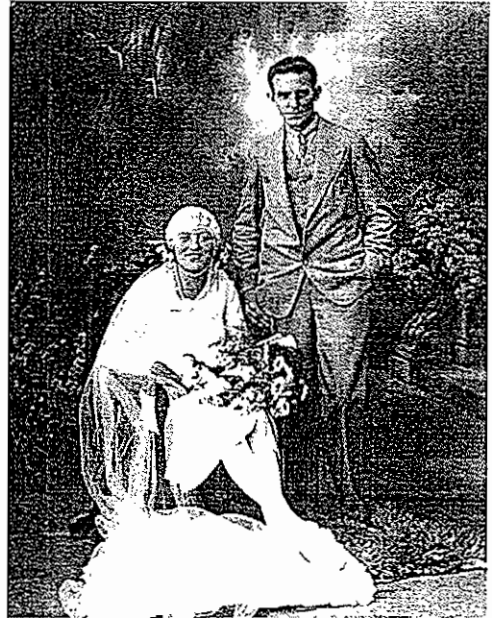
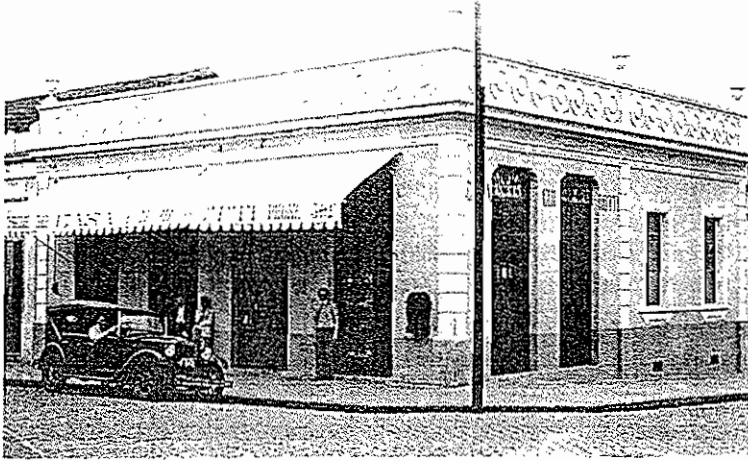


Foto do casamento de Amélia e Luciano

12

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial



Casa Guidotti, estabelecida na Rua Governador esquina com a D. Pedro II

abril daquele mesmo ano, nascia o primeiro filho do casal, que recebeu o nome de Wilson.

Luciano Guidotti possuía uma admirável visão comercial. Vislumbrava um futuro muito grande para Piracicaba e outras cidades da região. Devido a esta sua visão comercial, em 1936 provocou a vinda da mãe e dos irmãos Pedro, João e Luiz para Piracicaba. Conseguiu em parte seu intento, já que sua mãe não quis nem ouvir falar de se mudar de Avaré, e com ela ficou o filho caçula Luiz, que continuava com a vidraçaria e também, goleiro de A.A. Avareense, que na época era considerada uma das melhores equipes de futebol do interior do Estado.

Luciano estava estabelecido em Piracicaba; Miguel em Limeira, e Pedro e João foram se aventurar em Pirassununga.

O comércio de Piracicaba se expandia e com isso havia, já naquele tempo, grande concorrência entre as lojas, pois todas vendiam basicamente as mesmas mercadorias, diferente dos dias atuais, que existem lojas especializadas. Luciano via que o comércio da cidade não demoraria a ficar pequeno para tantos comerciantes estabelecidos. Com seu temperamento dinâmico procurava um novo negócio.

Sempre que ia a Limeira observava as grandes plantações de laranjas existentes naquele município. Plantações sempre bonitas e bem cuidadas. Ele deduziu que se as plantações recebiam tratamento esmerado, era sinal que o negócio era bom! Não teve dúvidas em

13

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial

comprar um sítio para plantar laranja. Naquela época, a maior parte da safra da laranja brasileira era exportada para os Estados Unidos, como acontece atualmente com o nosso suco de laranja.

Como sitiante, passou a produzir laranjas e vendê-las aos exportadores do produto. O negócio ia as mil maravilhas, até que em 1939, estourou a 2ª Guerra Mundial. Com desenvolvimento do conflito, os Estados Unidos suspenderam as importações de todos os produtos que não fossem usados para fins bélicos. Com isso, o Brasil não tinha o que fazer com tanta laranja. O produto ficou desvalorizado no mercado interno, pois a oferta tornara-se muitas vezes maior que a procura. As laranjas começaram a apodrecer nos pomares.

O Brasil passou a viver em regime de guerra. Não havia pão, pois o trigo era importado; havia filas para pegar senhas para comprar pão, óleo e outros produtos que necessitavam de matéria prima importada. A gasolina era racionada. Para os automóveis, a quota semanal era de 10 litros; para caminhões, 25 litros.

Devido a toda essa dificuldade, iniciou-se no Brasil um outro aproveitamento da laranja. Era a retirada do óleo de sua casca, que era exportado para a Inglaterra, para ser aproveitado como componente de combustível para os lançamentos utilizados na guerra.

Ao saber daquilo, não teve dúvidas em tomar um trem e ir para Curitiba, onde existia a única empresa que extraía óleo da casca da laranja. Foi para conhecer o processo e saber da rentabilidade do negócio.

Voltou para Piracicaba com o esquema da máquina na cabeça. Tratava-se de um tambor de concreto, que friccionava as laranjas retirando o sumo da casca. Era um processo sujo, anti-higiênico. Ouviu dizer que no Sul do País usavam o mesmo sistema, mas com tambores de lata. Soube que além de enferrujar rapidamente, o tambor de lata soltava impureza no óleo extraído.

Luciano, além de esperto, era muito inteligente, foi usando essas suas virtudes que projetou um cilindro de madeira, revestida de cacos de vidros. O processo deu certo! A máquina inventada por ele não produzia sujeira como a de cimento; não enferrujava como a de lata, e o óleo extraído era de boa qualidade.



A "engenhoca" de extrair óleo da casca da laranja inventada por Luciano

O processo de extração de óleo da casca da laranja era muito rudimentar e simples, o que fez com que muitas pessoas iniciassem sua produção. Com isso a oferta ficou maior que a procura, o que provocou a queda do preço do produto. Como sobrava produto no mercado, os compradores ficavam cada dia mais exigentes, principalmente os ingleses, que passaram a estipular até padrão de qualidade, especificando a tonalidade do óleo e uma pureza difícil de ser conseguida.

Foi neste estágio dos negócios difíceis que Luciano vislumbrou um outro horizonte. Sua produção era pequena perto do que produzia a região. O que fez? Passou a comprar o produto de todos os extratores da região de Piracicaba e Limeira. Comprava com certo prazo para pagamento. A velha lei da oferta e da procura funcionou mais uma vez. Com todo o óleo da região em seu poder, a oferta deixou de existir. A demanda, que era uma constante, passou a ser regulada por ele, que era o único que possuía óleo em estoque. Quando o preço começava a cair, ele fazia o óleo sumir do mercado. Assim, passou a ditar os preços, que foram subindo até se tornarem justos, quase que quadruplicados em relação à época em que os ingleses mandavam no preço do óleo. O controle de qualidade? Os ingleses se esqueceram dele! Mas Luciano conseguia uma qualidade padrão de seu óleo, já que misturava o produto que recebia de seus mais diversos fornecedores, passando posteriormente por uma filtragem em uma centrífuga.

A Segunda Guerra Mundial proporcionou para o povo brasileiro muitas dificuldades. Filas intermináveis para comprar pão, que era racionado cabendo algumas unidades para cada família. Gasolina era distribuída com pequenas cotas. Os automóveis, para poderem andar, tiveram que fazer adaptações de um engenho chamado “gasogênio”, que se constituía da colocação de dois tubos enormes na parte traseira do veículo, tubos estes semelhantes aos bujões de gás industrial. O sistema era o mesmo das locomotivas. Em um tubo colocava-se carvão e no outro, água. O vapor era transformado em energia que alimentava o motor do carro. Me lembro de haver em um dos tubos um coador enorme. Igual aos de café, que servia para filtrar o vapor, eliminando as impurezas. Mesmo assim, era necessário limpar várias vezes durante o dia. Também me lembro que, para irmos de Piracicaba a Limeira, levávamos quase que o dia todo, pois a cada 10 quilômetros era necessário parar para limpar o coador.

Depois de muito observar e de realizar testes, Luciano conseguiu uma mistura de óleo de laranja com álcool, que substituía a gasolina e fazia o automóvel andar sem necessidade do “gasogênio”.

15

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial

Sem fazer alardes, patenteou seu invento, iniciando a seguir a sua produção, cuja fórmula era “segredo”. O produto aprovou e as vendas foram superiores ao esperado, que inicialmente abrangiam a região de Piracicaba, posteriormente o Estado de São Paulo, e finalmente chegavam pedidos de todos os recantos do Brasil, do novo e revolucionário combustível.

Embora estivesse ganhando uma verdadeira fortuna com o novo combustível, não se iludia, pois sabia que ao terminar a guerra, a gasolina voltaria a ser importada e sua mistura de óleo com álcool seria esquecida. Todo o dinheiro que ganhava era investido em imóveis para seu rendimento, o que fez com que seu patrimônio aumentasse.



Casa Guidotti na esquina da Governador com a São José

Mesmo com a “fábrica de combustível” funcionando a todo vapor, ele não descuidava da “Casa Guidotti”, pois o comércio estava em seu sangue, era uma paixão! O prédio onde estava instalada a loja ficou acanhado para o seu grande estoque. Foi aí que comprou um prédio na Rua Governador Pedro de Toledo esquina com a São José, onde está atualmente o Banco HSBC. Depois de poucos meses ali instalado, resolveu colocar o velho prédio abaixo e construir um sobrado para instalar a loja no térreo e sua residência na parte de cima, pois o casal necessitava de uma casa mais ampla, já que a família havia aumentado com a chegada dos filhos Wilardens, o conhecido Vila, e a Lúcia Cristina.

Corria o ano de 1937, quando os irmãos Luciano, Miguel e João, convenceram a velha mãe Maria Guidotti a se mudar para Piracicaba. Luiz, o irmão caçula que residia com ela em Avaré, mudou-se para Campinas, onde foi defender as cores da Ponte Preta daquela cidade.

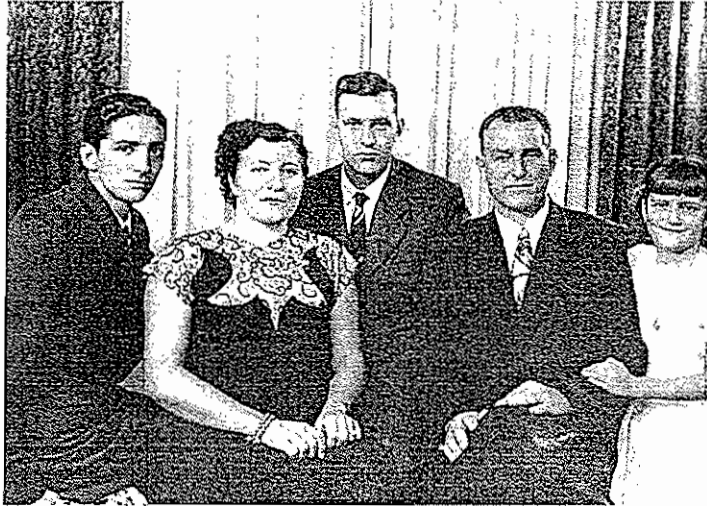
Com a chegada da matriarca Maria Guidotti à Piracicaba, a família estava reunida novamente. Pelo menos os irmãos estavam residindo uns perto dos outros. A “Peppa” em Rio Claro; Miguel em Limeira; Luiz em Campinas; e João em Pirassununga.

No início de 1940, surgiu para Luiz uma oportunidade de vir para Piracicaba. Ele já havia abandonado a carreira de futebolista e

16

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial



A família: Luciano, Amélia, Wilson, Vila e Lúcia Cristina

estava residindo em Limeira, trabalhando com o mano Miguel. Acontece que Luciano estava cada vez mais envolvido com a indústria de óleo de laranja e ofereceu aos irmãos, João e Luiz, a venda da “Casa Guidotti”. A loja ficou no mesmo prédio e os novos proprietários pagavam aluguel ao irmão mais velho.

Em maio de 1945, terminou a 2ª Guerra Mundial. Passada a euforia e as festas comemorativas pelo fim do conflito, o mundo começou a entrar na normalidade. Abriram-se as importações e novamente começaram a chegar ao Brasil os produtos que tanta falta fizeram durante o conflito. Não demorou muito para ficar normalizada a distribuição da gasolina no País. Com isso, o combustível conseguido da mistura de óleo de laranja com álcool foi abandonado. Luciano não perdeu tempo, pois quando viu que o negócio entrara em decadência, encerrou as atividades da indústria. Sua renda já era suficiente para levar uma vida folgada, sem precisar trabalhar. Mas o trabalho, principalmente o comércio, corria em suas veias, e ele necessitava fazer alguma coisa.

Nesta época, seu irmão Luiz havia se separado da sociedade da “Casa Guidotti” e havia se estabelecido com a “Casa dos Rádios”, que além do rádio, que era a grande novidade daquela época, vendia também as geladeiras Frigidaire, que eram fabricadas pela General Motors. Foi justamente naqueles primeiros momentos de “pós” guerra, que a General Motors procurou seu concessionário, Luiz Guidotti,

17

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial

para lhe oferecer a distribuição dos caminhões GMC. Embora não se interessando pelo negócio, não disse não à General Motors, pois achava que o negócio poderia interessar a seu irmão Luciano.

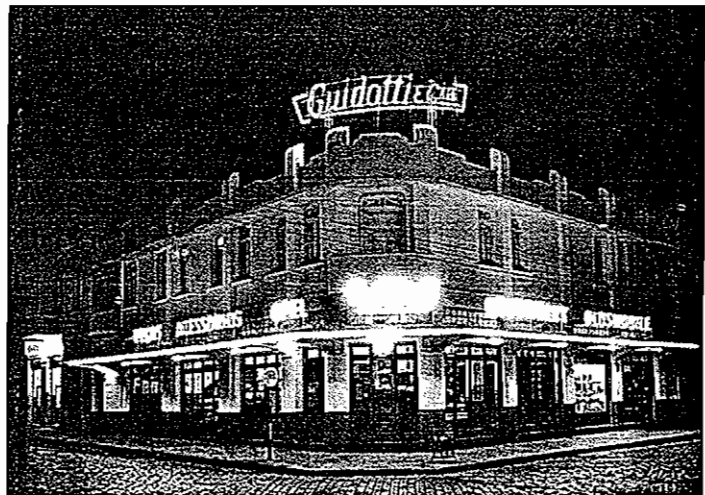
O astuto Luciano Guidotti gostou da idéia. Foi com Luiz para São Caetano do Sul, onde se localizava a GM, e entraram em entendimentos com a empresa. Voltou para Piracicaba como distribuidor dos caminhões GMC.

Neste meio de tempo, João havia adquirido um prédio na Rua São José, entre a Governador e a Praça José Bonifácio, ao lado do cine São José, onde instalou a “Casa Guidotti”.

Assim sendo, seu prédio da Rua Governador esquina com a São José estava desalugado, e foi justamente naquele mesmo prédio, onde residia em cima, que montou a “Agência GMC”.

Mesmo como concessionário da GMB, sentia dificuldade para adquirir veículos para vender em sua loja. A dificuldade era geral, pois durante os 7 anos que perdurou a guerra, a produção de veículos foi muito pequena, pois a maioria das indústrias automobilísticas dos Estados Unidos passou a fabricar produtos bélicos para atender a demanda da guerra. Assim sendo, a frota americana e mundial de veículos ficou sucateada. A General Motors do Brasil, com muita dificuldade, conseguia importar alguns pequenos lotes de veículos que eram divididos aos concessionários de todo o Brasil.

Alguns concessionários da GM começaram a importar veículos diretamente da fábrica dos Estados Unidos. Para uma importação ser compensadora havia a necessidade de trazer no mí-



Agência GMC

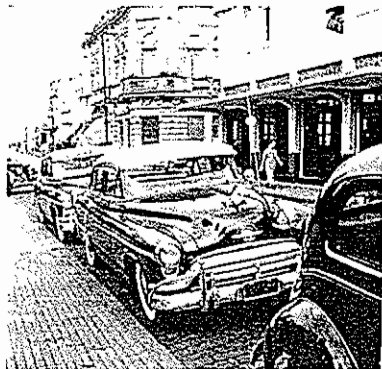
nimo 50 veículos. Muitas vezes reuniam-se vários concessionários para fechar uma importação. Uma outra dificuldade daquela época era adquirir os créditos em dólares no Brasil. Só possuíam esses créditos em dólares quem exportava para os Estados Unidos. E quem exportava? Era uma tremenda dificuldade adquirir os tais créditos para enviá-los

aos Estados Unidos e aguardar o desembarque dos veículos comprados. Esta operação toda chegava a demorar cerca de 3 à 5 meses.

Um belo dia, ele soube que um fazendeiro gaúcho havia feito uma grande exportação de gado para o Estados Unidos. Pensou com seus botões: — *‘Esse danado deve estar cheio de créditos em dólares’*.

Pergunta aqui, pesquisa ali, até que descobriu que o tal fazendeiro gaúcho chamava-se João Goulart e residia em São Borjas. Não teve dúvidas, pegou um trem e foi para o Rio Grande do Sul com uma mala cheia de dinheiro. Uma semana depois, chegou de volta com a mesma mala, só que cheia de créditos americanos.

Com os créditos comprados do futuro Presidente da República, o novo concessionário da GM fez uma grande importação de camionetas e automóveis Odsmobile. As margens de lucro naquela época eram altas, além da grande procura de veículos, já que após um longo período sem importação, no Brasil a procura por veículos era muito maior que a oferta. Assim, Luciano multiplicou seu patrimônio.



Um Odsmobile



Agência GMC

A produção de veículos nos Estados Unidos aumentava a cada mês, até que chegou no ponto do seu mercado interno ficar estabilizado. Com isso, começou sobrar veículos por lá, e a General Motors passou a “forçar” as filiais em todo

19

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial

o mundo a vender veículos. Foi nessa ocasião que a General Motors do Brasil o procurou para oferecer uma importação de nada menos do que 300 caminhonetes GMC. Isso mesmo, 300 caminhonetes!!!

Era muita caminhonete para um só concessionário. Outro problema era onde colocá-las enquanto não eram vendidas. Mas a General Motors do Brasil, no afã de vender aquela partida fabulosa de veículos, comprometeu-se em auxiliar Luciano nos problemas relativos ao transporte e estacionamento dos mesmos.

Assim foi fechado o negócio. Os dólares foram enviados para os Estados Unidos. A guia de importação do Brasil fora emitida e a guia de exportação americana também. Com toda a parte burocrática concluída, só faltava embarcar os veículos.

As caminhonetes ainda não haviam chegado ao porto de Santos quando o Governo Brasileiro baixou normas rígidas para importações de veículos, inclusive com uma taxação elevada de impostos, surgindo naquela época a famosa "4ª Via". Mas como a guia de importação já havia sido emitida e aprovada pela Receita Federal, aquele lote de 300 caminhonetes estava liberado para entrar no País.

O preço de venda de cada caminhonete girava em torno de 50 mil cruzeiros. Devido à nova lei de importação, que dificultou a vinda de veículos para o Brasil, mesmo antes de chegar a Santos, cada veículo já alcançava o preço de 100 mil. Em resumo, as primeiras a serem negociadas foram na base de 150 mil, para, logo a seguir, passar a 200. As últimas foram negociadas a 400 mil cruzeiros!

Aquela, que foi a maior importação individual de veículos da General Motors, fez a fortuna de Luciano Guidotti se multiplicar várias vezes.

Luciano praticava a caridade. Era sócio de várias entidades da cidade. Em 1951, um grupo de associados do Lar dos Velhinhos, entidade a qual também era associado, o convidou para presidi-la. O asilo passava por uma fase de muitas dificuldades, com os abrigados em estado de semi-abandono. O único pavilhão existente servia para abrigar os assistidos de ambos sexos. Era peque-



Inauguração do primeiro pavilhão construído por Luciano Guidotti no Lar dos Velhinhos

no, sem ventilação e chegando a cheirar mal. Ao assumir a presidência, Luciano começou a administrar da sua maneira, isto é, com dinamismo e muito trabalho. Conseguiu mobilizar a sociedade piracicabana em favor do Asilo, para ter início as mudanças necessárias. Sua entrada na diretoria da entidade deu a credibilidade que a instituição tanto necessitava. Os recursos financeiros eram poucos, pois a arrecadação das contribuições dos sócios era muito menor do que as despesas.

Luciano Guidotti não teve dúvidas em doar um automóvel 0 km para a entidade rifar. Com a arrecadação desta rifa, foi construído novo, moderno e confortável pavilhão, e a partir de então o Lar dos Velhinhos passou a abrigar decentemente seus assistidos. Do resultado da rifa, ainda sobrou dinheiro para uma reforma radical do antigo pavilhão, o que proporcionou à entidade o dobro da capacidade de alojamento, podendo inclusive separar os homens das mulheres.

Luciano também amparou o Lar Coração de Maria, localizada na Rua Boa Morte, onde também contribuiu para as reformas e ampliações. Igualmente fez com o Lar Franciscano de Menores.

Em meados dos anos 50, Luciano foi convidado a integrar a comissão encarregada da construção da Catedral de Santo Antônio, que estava em fase de acabamento, mas os recursos financeiros haviam se esgotado. Não tendo de onde tirar dinheiro para a conclusão da igreja, pois a população já havia muito contribuído, Luciano não teve dúvidas em doar um Chevrolet novo para uma rifa, o que possibilitou a conclusão da Catedral de Santo Antônio.



Luciano recebendo a Comenda Papal de D. Ernesto de Paula

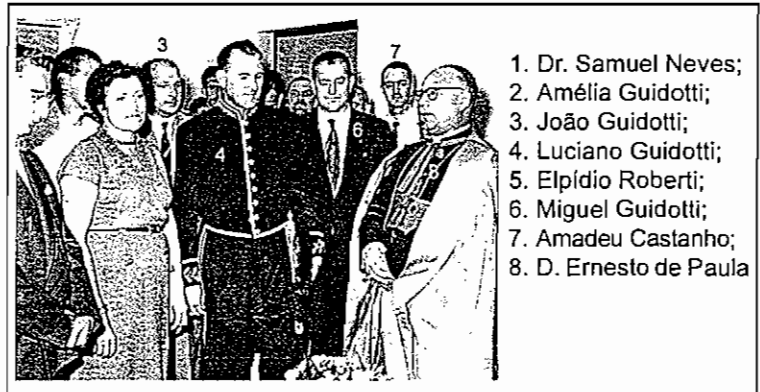


21

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial

Luciano Guidotti fazia o bem sem aparecer. Ajudava uma infinidade de pessoas carentes, sempre no anonimato. As entidades assistenciais de Piracicaba, todas, sem exceção, recebiam sua ajuda. Mas essas ações nem sempre eram possíveis de se manter no anonimato, algumas vieram a público, como sua dedicação ao Lar dos Velhinhos e a ajuda para o término da Catedral de Santo Antônio. Estas ações, somadas às outras inúmeras, lhe valeram o título de Comendador da Santa Sé, outorgada pelo Papa Pio XII, sendo que o pergaminho referente à comenda veio com as assinaturas de Sua Santidade, o Papa Pio XII, e a do Monsenhor Giovanni Batista Montini, secretário do Vaticano, que alguns anos mais tarde, foi eleito Papa com o nome de Paulo VI.



Não foi só a Santa Sé que reconheceu o trabalho de Luciano Guidotti em favor da comunidade. O povo de Piracicaba lhe rendeu uma grande homenagem elegendo-o prefeito da cidade por duas vezes, para os períodos de 1956 a 1959 e de 1964 a 1968, quando faleceu em pleno exercício do cargo.

Como prefeito, foi uma das maiores revelações administrativas que Piracicaba já conheceu. É considerado, até hoje, 35 anos após sua morte, como o melhor prefeito que Piracicaba teve em toda sua história. Um título dos mais justos, pois ele impulsionou o progresso da cidade em mais de 50 anos em seus dois mandatos a frente da prefeitura. Realizou obras e mais obras, como a canalização do córrego do Itapeva, transformando aquele pequeno ribeirão na Avenida Armando de Salles Oliveira. O que seria de Piracicaba se não houvesse esta avenida?



No Palácio do Catete, Luciano Guidotti recebe do Presidente Juscelino Kubitschek o diploma de "Cidade Mais Progressista do Brasil"

Na sua primeira gestão, Piracicaba foi eleita a cidade mais progressista do Brasil por 3 anos consecutivos, tendo recebido os diplomas referente ao fato das mãos do então Presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Foi Luciano Guidotti, como prefeito, que "rasgou" a cidade abrindo as avenidas Saldanha Marinho, Carlos Botelho, Carlos Martins Sodero, Cássio Paschoal Padovani, Centenário, Bandeirantes, e Água Branca, que, após sua morte, recebeu o nome de Avenida Comendador Luciano Guidotti. A Avenida Independência chegava até o Lar Franciscano de Menores e, foi em sua gestão, prolongada até a Escola de Agronomia. Ao todo, foram abertas, em seus dois mandatos, cerca de 40 avenidas e inúmeras ruas de acesso a bairros.

Também foram obras sua, o Estádio Municipal "Barão de Serra Negra"; o Hotel Beira Rio; o Paço Municipal, onde está hoje a Biblioteca; o edifício onde está hoje o SENAC; o edifício onde funciona a Imprensa Oficial; o prédio do Tiro de Guerra, ao lado da Garagem Municipal; o Teatro Municipal; a Pinacoteca, estas entre muitas outras.

Pontes? Foram quatro sobre o Rio Piracicaba: a do Monte Alegre, a do Lar dos Velhinhos, a do Morato e a do Cachão (é assim mesmo que se escreve, pois a palavra vem de cachoeira). Foram construídas mais de 20 pequenas pontes sobre ribeirões na zona rural do município de Piracicaba.

23

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial

Luciano Guidotti tinha uma incrível visão administrativa. Certa ocasião, quando da construção da Ponte do Morato, o questionaram sobre a baixa altura daquela obra, com a alegação de que quando a navegação chegasse à Piracicaba, as embarcações não passariam pela ponte. Ele argumentou que, “quando a navegação chegar em Piracicaba, Piracicaba vai estar em Porto João Alfredo.”

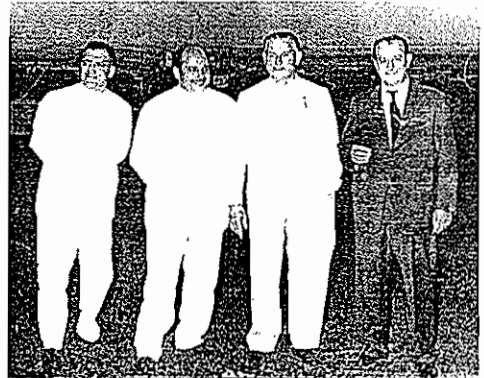
Se um dia o sonho da navegação fluvial no Rio Piracicaba tornar-se realidade, o nosso porto vai ser em Ártemis, antigo Porto João Alfredo, como Luciano Guidotti previu há 40 anos.

Também foram obras do inesquecível prefeito, vários viadutos, como o da Rua Governador sobre a Avenida Armando de Salles Oliveira; o da Rua do Rosário, sobre a mesma avenida; o pontilhão da Estrada de Ferro Paulista, sobre a Rua Benjamin Constant.

A verdade é que foi uma “fera” na administração da cidade!

Não recebia seu salário de prefeito. Mensalmente eram destinados diretamente para as casas de assistência social da cidade. Cada mês, uma obra de caridade era contemplada com o subsídio do prefeito.

No início de 1968, Luciano adoeceu. Estava com estafa somada a complicações coronárias. Os médicos o aconselharam a se afastar da Prefeitura e permanecer em repouso.



Os Irmãos Guidotti: Luiz, João, Luciano, e Miguel

Seus irmãos Miguel, João e Luiz se reuniram com ele e pediram que ele deixasse a Prefeitura e que fosse descansar em algum lugar longe do barulho da cidade e das intrigas políticas. Falaram a ele que estava na hora dele parar de trabalhar.

— *Se eu parar de trabalhar, daí é que eu morro mais depressa.*

Pouco depois, já “restabelecido”, voltou às suas atividades normais. Mas o coração não aguentou e ele veio a falecer no dia 7 de julho de 1968, vítima de um infarto do miocárdio.

Era um domingo. Luciano, a esposa Amélia e a filha Lúcia Cristina foram almoçar no Lar dos Velhinhos. Ao voltar para casa, deitou-se em uma rede para tirar uma soneca. Sentiu-se mal e fale-

ceu. Morreu como sempre quis. Morreu trabalhando por Piracicaba, terra que ele tanto amou. Morreu como o “renovador da Noiva da Colina”.

A cidade lhe rendeu a maior homenagem que um homem público poderia receber. Seu funeral foi o de um verdadeiro estadista. Foi o maior funeral até hoje registrado na história de Piracicaba. Para se ter uma idéia, o enterro saiu da Catedral de Santo Antônio, e subiu a Rua Moraes Barros. Seu corpo estava chegando ao Cemitério da Saudade e ainda havia gente saindo da Igreja. A população formou uma “parede humana” nas calçadas em toda a extensão da Moraes Barros.

No dia 9 de julho de 1968, o *Jornal de Piracicaba*, noticiou:

A CIDADE PRANTEOU A PERDA DE SEU PREFEITO

“A notícia da morte do Comendador Luciano Guidotti, Prefeito Municipal, causou impacto na cidade, ficando seu povo profundamente consternado com seu desaparecimento, ocorrido às 15:55 horas de domingo.

“Uma das paixões do Comendador Luciano Guidotti era o Lar dos Velhinhos. Exatamente, domingo, 7 de julho, Irmã Maria Albina de São Francisco, que aqui chegou somente há dois anos, filha de Piracicaba, irmã do vereador Celso Camargo Sampaio, estava completando 25 anos de vida religiosa. O Prefeito Municipal queria homenageá-la com um almoço, para lá se dirigindo em companhia de Dom Aniger, Monsenhor Mustchelle e de Ruy Azevedo, assistindo a missa das 10:30 horas. Após o almoço ao lado das freiras e velhos, estas foram as últimas palavras do Comendador, homenageando a Irmã Albina: “Estou feliz por estar almoçando aqui com os velhinhos, e poder prestar esta homenagem a Superiora que está me ajudando a cuidar desses bons velhinhos. Estou mesmo satisfeito e é com alegria que estou com vocês nesta homenagem.”

“Às 13:20 horas, o Comendador Luciano Guidotti retirou-se do Lar dos Velhinhos, seguindo para sua residência, onde sentiu-se mal, quando conversava sobre o almoço com os filhos Wilson e Vila.

“Imediatamente foi chamado o dr. José Ednardo Mello Ayres, médico particular do Comendador Luciano Guidotti, que tentou todos os recursos para salvá-lo, inclusive com massagens, para reviver o Prefeito que disse suas últimas palavras ao médico: — “Desta vez não dá, doutor”.

“O Presidente da Edilidade dr. Francisco Antônio Coelho, atendendo a vontade popular, fez com que o cortejo fúnebre fosse feito a pé, com a seguinte organização:

25

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial

"Abrindo o cortejo estavam três batedores da Guarda Civil; em seguida, cavalariãos da Força Pública em seus uniformes de gala; três carros fúnebres transportando as coroas, um carro do Corpo de Bombeiros transportando o esquife, coberto pela Bandeira Nacional, estando esse carro guardado por seis guardas civis e dois atiradores na parte da frente e três graduados do Corpo de Bombeiros na parte de trás.

"Em seguida vinham dois caminhões transportando coroas. A Banda União Operária com os acordes da marcha fúnebre, Polícia Rodoviária, Guarda Civil, Força Pública, Tiro de Guerra, Guarda Mirim e Guarda Municipal.

"Atrás vinha a multidão, calculada em mais de 50 mil pessoas."

No *Jornal de Piracicaba* de 9 de julho daquele mesmo ano foi publicado um artigo assinado por seu diretor, Dr. Losso Netto:

A MORTE DO LIDADOR

"Morto, parece maior que vivo, foi a frase histórica que me ocorreu ao pensamento, nesta hora de luto para Piracicaba. É que, vivo, Luciano Guidotti carregava consigo toda a instável contingência humana, necessariamente formada, como todo homem, de uma somatória de virtudes e defeitos. Morto, despoja-se da fragilidade humana, para transpor os umbrais da Eternidade.

"Todo homem de ação, como foi Luciano Guidotti, com alta capacidade, foge ao estalão comum dos seres que o rodeiam. É diferente, porque é excepcional. Por isso mesmo, é discutido, ora louvado com ardor, ora negado com veemência. Como homem de jornal, ninguém como nós, o louvou com maior ardor; como homem de jornal, ninguém o negou com maior veemência. O mesmo amor a Piracicaba nos uniu; o mesmo amor pela cidade, abriu entre nós ocasionais divergências. Jamais, entretanto, nos animou uma injustiça, uma aleivosia. Ainda poucas horas antes de seu desenlace, o recebíamos cordialmente em uma reunião rotária, porque sempre soubemos respeitar seu valor, acima das divergências de opinião.

"Envolvido até as entranhas pela mística do Trabalho, fez do dinamismo a tônica constante de sua vida. Com o pensamento posto em grandes realizações, seu sonho era multiplicar o poder construtor do homem, com as alavancas poderosas das máquinas, o rugido ronco dos motores na diminuição dos obstáculos da Natureza.

"Em duas administrações, o seu gênio inquieto revolucionou a fisionomia da cidade, que se transformou, de acanhado burgo provinciano, em promissora metrópole do futuro. Possuía, antes de tudo, imaginação criadora, coragem em arremetidas ciclópicas, muitas vezes ficando sozinho entre colaboradores, descren-

26

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial

tes e temerosos. E sua desmedida fé rasgava montanhas, transpunha rios, aterrava pântanos, abria horizontes.

"Madrugador desde menino, mesmo depois de sentir os primeiros sinais da doença que o viria a vitimar, não tomou conhecimento de sua insuficiência orgânica, o espírito dominando o corpo, e madrugava nas obras municipais, que foram a sua paixão, e afinal, a sua morte.

"Estranha e sublime maneira de conquistar um lugar proeminente na posteridade: dar-se por inteiro em holocausto, surdo e cego às conseqüências, lutando pelo fascínio da luta, ir ao encontro da Eternidade, de peito aberto, resolutamente, como que partia, afinal, em busca da Paz!

"Temos que nos curvar, reverentes, diante de sua figura: Luciano foi um exemplo de dedicação extremada, de amor verdadeiro à terra e à comunidade piracicabana, dando tudo de si, até cair sem forças, exausto mas realizado, como um verdadeiro Homem!"

Ainda no *Jornal de Piracicaba* daquele mesmo dia, 9 de julho, encontramos esta matéria:

A CARREIRA DO POLÍTICO

"Luciano Guidotti veio para Piracicaba na década de 20. De origem humilde e pobre iniciou sua vida modestamente exercendo várias atividades, até que se estabelecem com pequena loja de artigos para presentes, na rua Governador Pedro de Toledo, esquina do Largo do Mercado. Muito ativo e trabalhador, negociava, ao mesmo tempo em que diversificava suas energias em direção da indústria, usando sempre a intuição comercial, que lhe dava sempre novos rumos. A própria citricultura, em seus começos, o interessou, e na época da guerra, a extração de óleo de cascas de laranja para exportação polarizou sua atenção.

"Foi no negócio de importação de automóveis e peças, durante a grande guerra que encontrou seu maior campo de ação, e onde alargou seus negócios, até uma posição bastante favorável. Trabalhou portanto, cerca de trinta anos em nossa terra, antes que a política o enamorasse, como um possível administrador, dado que, na vida particular já havia demonstrado sua capacidade extraordinária.

"Avesso, porém, às lides políticas, de que sempre esteve afastado, não participando, sequer, de atividades partidárias, foi depois de um assédio muito intenso e apelos veementes, que resolveu aceitar concorrer às eleições municipais, isso na campanha de 1955. Naquela época, bastante confusa se apresentava a situação sucessória, agravada pelas dificuldades administrati-

27

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial

vas que assoberbavam os prefeitos precedentes, pois o Pais havia saído de uma situação anormal de após guerra, com desajustamentos, que se refletiam, também na insatisfação das comunas.

“Assim, sua situação de apolítico e de pessoa desvinculada com grupos que tradicionalmente se ocupavam da política em nossa terra, surgiu sua candidatura com um passo de renovação, de uma nova experiência, colocando a frente do Município um homem de empresa, voltado à administração do Município. Tendo a seu lado um grupo de piracicabanos igualmente desvinculado das atividades políticas, começou a realizar uma verdadeira revolução administrativa, empreendendo obras de enorme vulto, antes impossíveis de serem executadas, dada a estreiteza das rendas municipais, e em seu tempo, melhoradas com a melhoria da administração estadual, primeiro com o saneamento financeiro de Jânio Quadros, tendo como Secretário da Fazenda Carvalho Pinto, e depois com este, à frente do Executivo Estadual.

“Conheceu Piracicaba na primeira administração Luciano Guidotti um surto de progresso nunca antes alcançado, transformando sua fisionomia urbana, sendo a obra gigantesca a cobertura do Itapeva, que atravessava a cidade de ponta a ponta, e que era uma verdadeira chaga que reclamava trabalhos importantes de saneamento. Conquanto não tivesse sido feito o trabalho com todo rigor da melhor técnica, é indispensável que legou o dinâmico prefeito da cidade uma esplendida avenida, que hoje é, a coluna mestra do trânsito viário de nossa urbe. Somente essa obra se muitas outras de grande vulto não fossem feitas, serviria para consagrar toda uma administração. Mas dezenas de ruas foram asfaltadas, novas avenidas projetadas, extensão das redes de água e esgoto, tudo num trabalho empolgante, que deixou marcas indelévels de sua passagem pela Prefeitura Municipal.

“Após um período de administração, voltou por eleição do povo à pública administração, que foi prorrogada por Ato Institucional, durante a qual, até o fim de seus dias, prosseguiu no mesmo ritmo as obras de remodelação da cidade, a que deu todo o seu carinho e esforço.”

O ESPORTE PERDE UM HERÓI

No *Jornal de Piracicaba* daquele mesmo dia, 9 de julho de 1968, encontramos o seguinte artigo assinado pelo jornalista Ludovico Silva:

“Piracicaba ainda vive momentos de profunda emoção e tristeza, com o passamento do Comendador Luciano Guidotti, ilustre homem público que dignificou seu trabalho na chefia do executivo piracicabano, com seu dinamismo e ideal

progressista. Sua passagem pela prefeitura perpetuará seu nome e suas obras gigantescas serão o espelho para aqueles que no futuro tiverem a honra de sentar-se à mesa dos destinos do município.

"De tradicional família de desportistas, o Com. Luciano Guidotti deixa no esporte de Piracicaba a presença marcante de seu dinamismo, como dirigente realizador. Há anos, esteve à testa do XV de Novembro, para cujo clube foi base de seu sustentáculo nos últimos tempos, garantindo com sua presença sempre notável os maiores sucessos. O futebol amador encontrou sempre no ilustre homem público, a colaboração desejada. Ao Com. Luciano Guidotti, o esporte de Piracicaba deve uma soma incalculável de serviços do mais profundo significado.

"Uma obra do ilustre prefeito desaparecido, dentro do esporte perpetuará seu nome na maior realização do século. Trata-se do Estádio Municipal, obra gigantesca e de visão futura, porque no progresso que vem evidenciando Piracicaba aquela praça de esportes rememorará sempre o seu nome.

"O esporte de Piracicaba perde um soldado, para quem ficará eternamente devendo grandes vitórias, pois o Com. Luciano Guidotti foi um herói de gigantescas batalhas esportivas!"

Aproveitando a crônica de Ludivico Silva, lembramos que, passados 35 anos da morte de Luciano Guidotti, o Estádio Municipal "Barão de Serra Negra" continua inacabado. Passaram pela prefeitura vários prefeitos, ou melhor, muitos prefeitos, e nenhum conseguiu terminar aquela grande obra erigida por Luciano Guidotti.

Fomos encontrar no *Jornal de Piracicaba* de 11 de junho de 1968, o seguinte artigo assinado pelo médico Dr. Luiz Gonzaga de Campos Toledo, o Dr. Lula, como era carinhosamente conhecido por toda a cidade.

O JEQUITIBÁ CAÍDO

"Parodiando Euclides da Cunha, direi que Luciano Guidotti foi antes de tudo um forte.

"Forte nas suas amizades. Forte no trabalho e no empreendimento e forte na luta pela vida.

"Era um dinamismo constante.

"Conheci Luciano Guidotti há muito tempo, desde que com meu irmão Álvaro e o Prof. Rubens Carvalho, lidava com laranja. Nesse tempo possuía uma pequena loja de louças e construía pequenas casas para revenda.

"Por ocasião da pré-guerra já importava camiuhões.

"De fato conheci-o bem por ocasião de sua provedoria no Lar dos Velhinhos, lugar onde abria o seu coração e a sua bolsa. Foi de fato a primeira trans-

29

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial

formação apreciável desse nosocômio. Nessa época já tinha as suas mãos abertas aos que tinham necessidade de comer e de vestir. Como um dos diretores do Lar, freqüentávamos juntos o convívio dos velhos e nos tornamos muito amigos.

“Quando candidato a Prefeito a primeira vez, insistiu comigo para ser seu vice. Recusei, mas para fazer-lhe companhia candidatei-me a Vereador, dando-lhe assim todo o meu apoio. Sempre amigo, trocávamos idéias, amabilidades e discussões às vezes severas, o que não abalou a nossa amizade, um mínimo que fosse.

“Nós dispomos na Santa Casa local, de um quadro negro para orientação de serviços. Pois, segunda-feira, após o seu falecimento, dia do seu enterro, lá estava escrito por um colega cujo nome não pedi licença para publicar, mais ou menos o seguinte: “Deu os melhores dias de sua vida à cidade que tanto amou. Como grande cirurgião plástico transformou a fisionomia da Noiva da Colina.”

“Palavras felizes.

“Dizia-me sempre que queria trabalhar para Piracicaba até morrer.

“— Vim para aqui pobre e aqui aquinhoei o que tenho, e isso eu devo a esta grande cidade e ao seu grande povo. Ainda que trabalhe a vida toda, jamais pagarei a minha dívida com a Noiva da Colina.”

“Estava programada para o dia 7 do corrente, uma festinha no Lar dos Velinhos, de que o Prefeito era também um dos diretores. Esta festa tinha por fim homenagear a Irmã Albina, a Superiora, pelos seu 25º aniversário de vida monástica.

“Por motivo de força maior, o Vargas, nosso Provedor, estava ausente. Os meus companheiros de diretoria haviam me incumbido de oferecer à mesma uma cartão de prata. Após algumas palavras, achei de bom alvitre, fosse essa missão desempenhada pelo grande prefeito e pelo reverendíssimo Bispo Dom Aniger. E isto foi feito.

“Após boas palavras, piadas contadas, em que ele demonstrava alegria nos despedimos para que aceitasse o almoço das irmãs. Regressei para a minha casa com a Lili.

“A tardinha estando só, achei por bem ouvir futebol.

“Nesta ocasião tornei-me ciente da morte do grande amigo. Sofri tão grande impacto que fiquei um tanto desorientado. Fui para sua casa imediatamente.

“Infelizmente o Jequitibá havia caído. Falecia o Bandeirante da Noiva da Colina, para desgosto de toda a população.

“Mas seu nome não morreu. Em sua obra perdurará o seu nome eternamente, como grande Prefeito.

“Este homem pensou em tudo. Produziu e construiu. Arrimo dos pobres. Cuidou deles com carinho. Distribuiu diariamente 30 mil refeições. Construiu e fez funcionar o Centro de Reabilitação.

“Além do embelezamento da cidade, rasgou-a de Norte a Sul e de Leste à Oeste. Saneou, cuidou do trânsito. Construiu pontes, avenidas diversas. Cuidou do teatro e do hotel municipal. Fez escolas, planejando e construindo a praça dos três poderes. Fez muito mais, transformando a cidade em uma das principais do Estado.

“Era um temperamento fértil e opulento.

“Foi uma agonia tremenda para o povo. O comércio e a indústria encerraram seus afazeres para chorar a perda do grande homem. Grande perda.

“Durante 24 horas seu corpo foi visitado.

“Por ocasião da missa de corpo presente, a Catedral estava superlotada, o jardim e as ruas laterais.

“O seu enterro constituiu o maior acompanhamento até hoje visto. O povo acompanhou chorando o corpo do grande Prefeito.

“Foi uma consagração.

“Piracicaba recompensará, por certo, o homem que a transformou em uma cidade moderna. Sugiro um busto seu na praça dos três poderes e seu nome numa das ruas ou avenidas da cidade.

“Este é um pequeno capítulo de sua preciosa vida.”

PREFEITO LUCIANO GUIDOTTI

Com este título, o *Jornal de Piracicaba* de 2 de abril de 1989, publicou o seguinte artigo assinado por Nicola de Cillo:

“É na morte de um parente ou de um amigo que ficamos exauridos, tristes e muito abatidos, pois ela significa a cessação de uma vida, o fim de toda a ilusão... o final de nossa caminhada pelos caminhos pedregosos da existência.

“Contudo, lembrar fatos e coisas que fizeram parte de nossas vidas, confortante, assim como escrever, reconhecendo o mérito e a audácia construtiva de pessoas que muito amaram esta terra e por ela morreram demonstrando grande capacidade de trabalho em prol da coletividade, realizando obras de vulto e fazendo a cidade tornar-se conhecida em todo o Brasil, é bastante agradável, gratificante e sentimos-nos jubilosos assim o fazendo.

“Piracicaba não esquece o grande Prefeito Luciano Guidotti que a tornou mais progressista, mais habitável, mais confortável nas duas gestões em que assumiu a administração local, aliás das melhores que já tivemos.

“Luciano Guidotti não tinha ‘papas na língua’; de linguagem simples, era pessoa honesta e leal, humilde, embora fosse um abastado comerciante. Deixou saudades como Prefeito e como pessoa progressista, de fácil relacionamento com a população citadina.

31

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial

"Eleito por duas vezes com maioria de votos, em 1955 e em 1963, possuía um coração generoso, pois não recebia seus honorários como Prefeito, dando-os às casas de caridade, numa demonstração de amor aos menos favorecidos pela sorte.."

"Natural de Avaré, nasceu em 1904, Residiu em Limeira e em Rio Claro e suas atividades, quando ainda muito jovem, foram: barbeiro, vidraceiro, proprietário de armazém de secos e molhados naquelas cidades acima mencionadas.

"Finalmente veio para Piracicaba, em 1928, abrindo a "Casa dos Dois Mil Réis".

"Consoante escreveu Roberto Antônio Cera em "A Província", 9 a 15 de dezembro de 1988, "Piracicaba há cerca de trinta anos era uma droga: um córrego fétido cortava o centro da cidade onde hoje se situa a Av. Armando de Salles Oliveira não havia quase ruas asfaltadas e quem morava a dez quarteirões da Catedral estava na periferia. Veio Luciano Guidotti, um homem simples, e revolucionou a cidade. Havia somente três engenheiros na Prefeitura e novas ruas foram abertas, algumas delas cortando propriedades tradicionais, tudo em benefício da coletividade. Surgiu até o primeiro viaduto ligando a rua Governador à Cidade Jardim, então um novo loteamento destinado aos mais abastados, hoje totalmente descaracterizado pelas casas comerciais e espigões. Luciano fez isso e muito mais, porque não ficava nos planos, não se cercava de grupos de trabalho, não "consultava as bases" porque a base era ela, que não gostava de perder tempo. Com a ponta do sapato riscava no chão o traçado de uma nova rua. Isso não é folclore não!"

"Casado com Amélia Bovi Guidotti, foi eleito Presidente do Lar dos Velinhos de Piracicaba, Presidente do E.C. XV de Novembro e Agente G.M.C., considerado na época, o maior comerciante de automóvel local. Suas principais obras como alcaide da cidade: Av. Armando de Salles Oliveira, vários viadutos e pontes sobre o rio Piracicaba; Teatro Municipal, Hotel Beira Rio, e parcela preponderante do Estádio Municipal "Barão de Serra Negra".

"Madrugador, sempre vistoriava as obras da Prefeitura espalhadas pela cidade, fazendo o papel de verdadeiro capataz.."

"Prefeito realizador, deixou seu nome gravado em nossas mentes com os benefícios e melhoramentos que valorizaram ainda mais nossa cidade. Como Prefeito, como comerciante, como cidadão, soube angariar e conservar as amizades que o cercavam, mercê de seu coração generoso e amável. Não deixou de executar nenhuma das obras a que se propôs realizar, pois, era muito intrépido, audaz e até atrevido.."

"O cargo de Prefeito, deu-lhe muito trabalho, o que o desgastou demais, mas não se importava porque amava Piracicaba. Faleceu em 1968, ainda no cargo de Prefeito.

“Deixou um legado de hombridade e um sem-número de realizações e hoje, decorridos mais de vinte anos de sua morte, sentimos sua ausência, não só como amigo, mas como um dos melhores e mais prestantes cidadãos e dirigentes que a cidade já teve em toda sua história...”

Fazemos apenas duas pequenas correções no artigo de Nicola de Cillo: Luciano nasceu em 1903 e não em 1904, conforme cita o cronista, e chegou a Piracicaba em março de 1929, e não em 1928, como escreveu Nicola de Cillo.

Este foi um pequeno relato da vida de Luciano Guidotti, que no dia 13 de dezembro de 2003 estaria completando 100 anos de vida!

Foi uma forma singela que encontramos para homenagear este grande homem, pelo centenário de seu nascimento...

33

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial

Fotos que contam a História



Amélia no dia do seu noivado

34

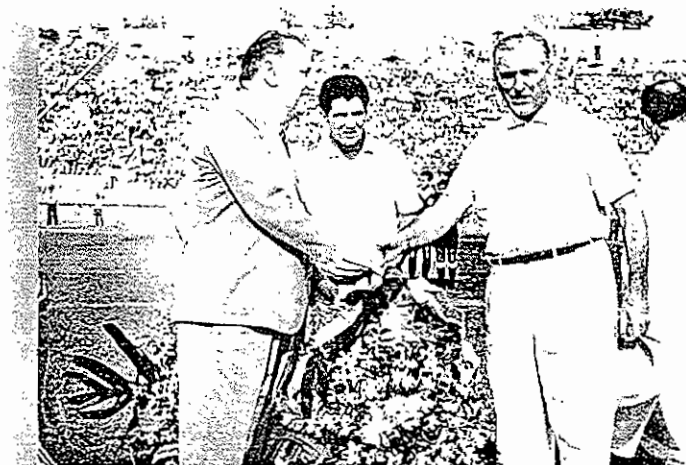
IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial

Fotos que contam a História



1) Carlos Cantarelli - 2) Gelsio Diniz - 3) Archimedes Dutra - 4) Coronel Pedro Corlatti - 5) Elias Jorge - 6) Antonio Salum - 7) Antônio Romano - 8) Lauro Natali - 9) Luciano Guidotti - 10) Jorge Angeli - 11) Nilto Ferraz de Arruda - 12) Frei Estevan Maria de Piracicaba e 13) Lino Morganti



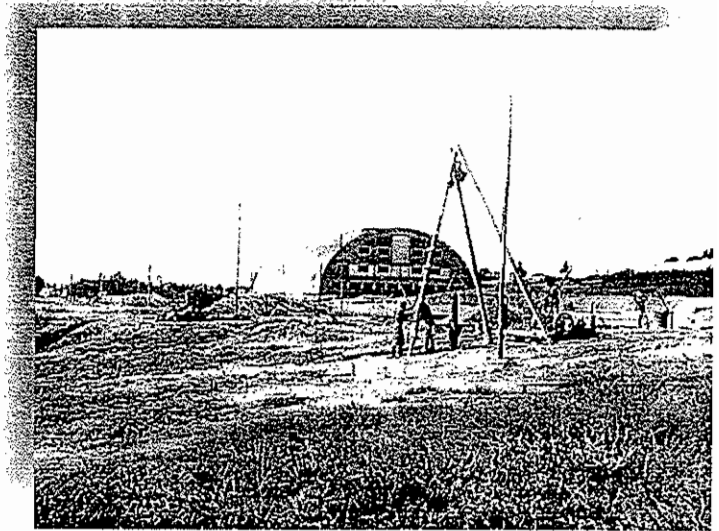
Inauguração do Estádio Municipal Barão de Serra Negra: Delfino Facchini, Presidente da S.E. Palmeiras, José Luiz Guidotti, Presidente do XV de Novembro e o Prefeito Luciano Guidotti

35

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial

Fotos que contam a História

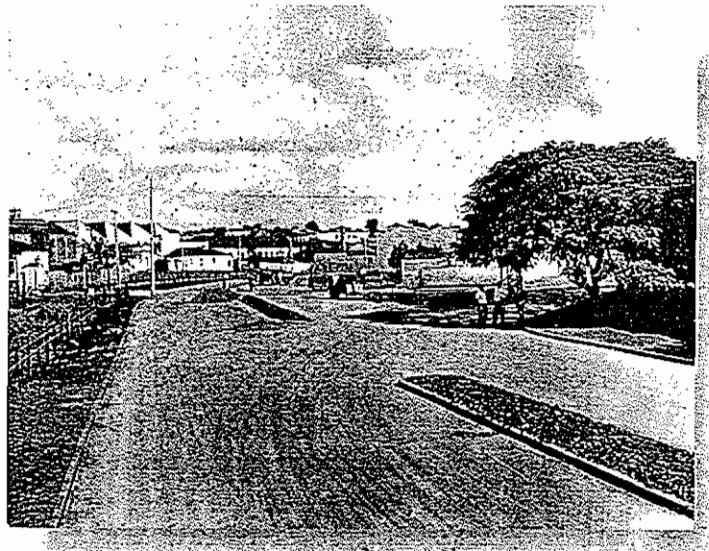


Início da construção do Estádio Barão de Serra Negra.

36

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial



Construção da Av. Armando de Salles Oliveira esquina com a Regente Feijó

Fotos que contam a História



Prefeito Madrugador Luciano Guidotti vistoriando obras da futura Av. Armando de Salles Oliveira



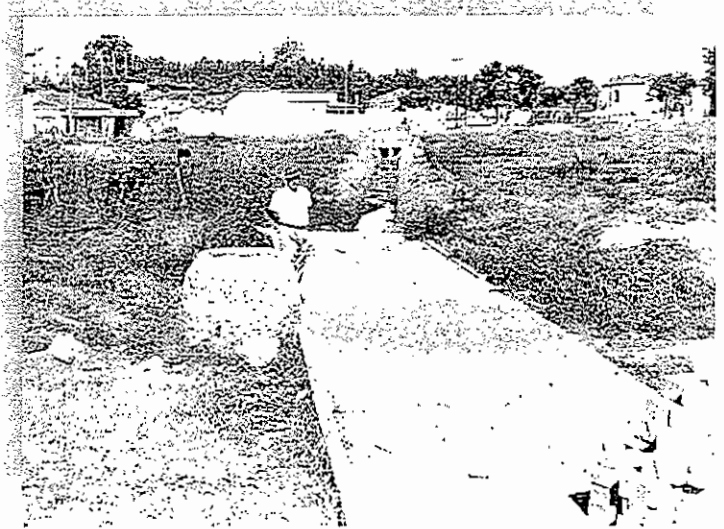
Os irmãos e esposas, Luiz e Diva; João e Isis; Luciano e Amélia; Miguel e Carlota

37

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial

Fotos que contam a História

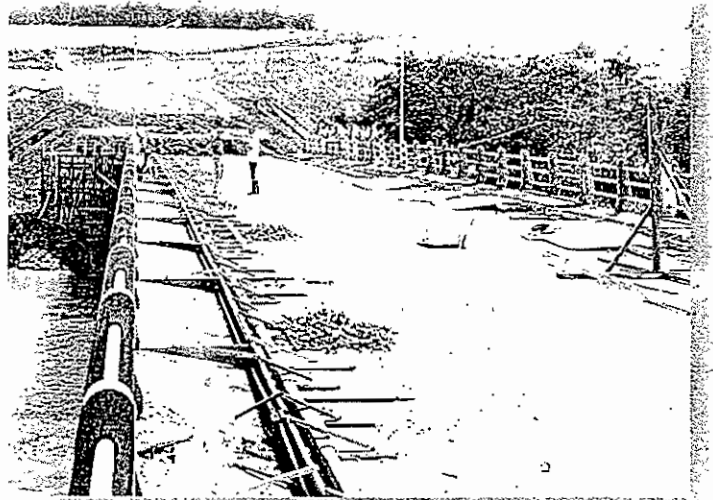


Cobertura do Corrego Itapeva para a construção do Teatro Municipal

38

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial

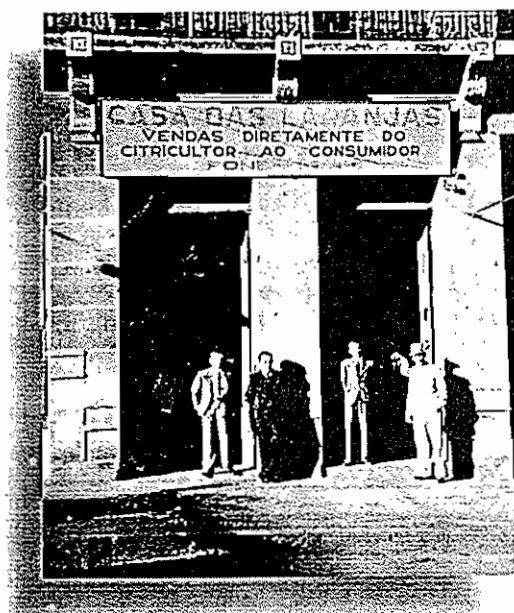


Ponte do Morato em obras

Fotos que contam a História



Em São Paulo no Jardim da Luz, Amélia, Luciano, Vila e Wilson



Casa das Laranjas de Curitiba

39

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial



O prefeito Luciano Guidotti homenageado com a ampliação do diploma de Município de Maior Progresso do Brasil

40

IHGP

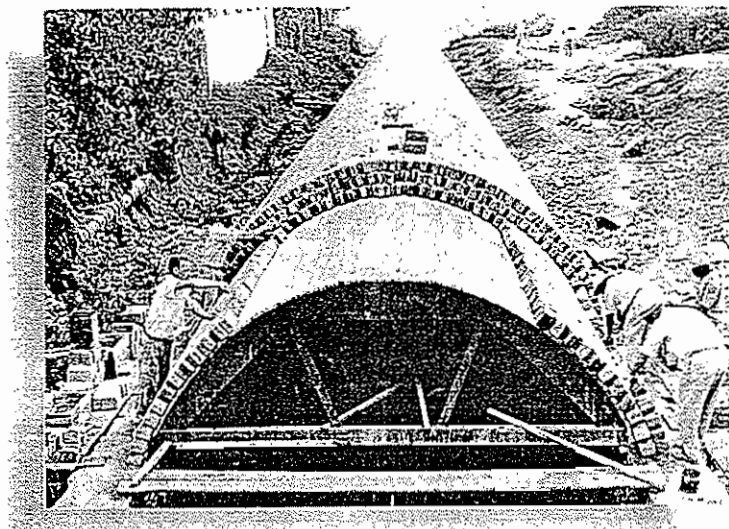
REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial



Cobertura da Canalização do Itapeva



Ponte do Morato



Canalização do Itapeva

41

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial

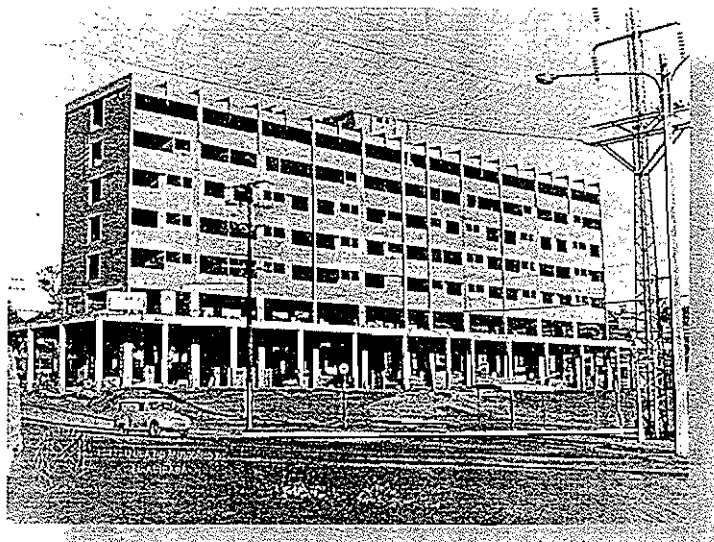


Inauguração do Estádio Barão de Serra Negra

42

IHGP

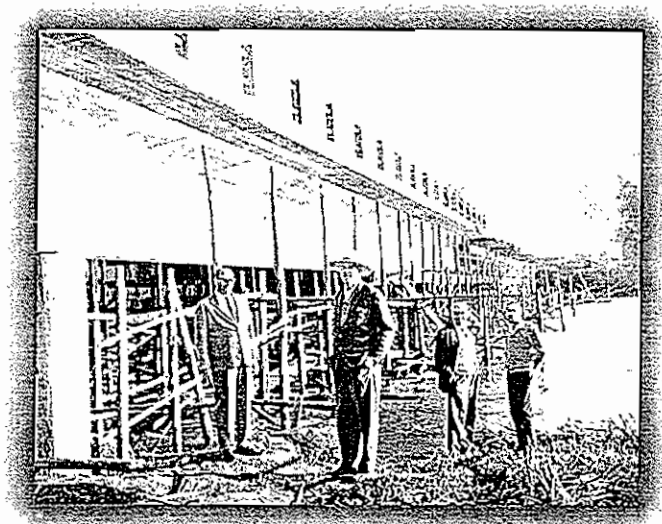
REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial



Início da construção do hotel Beira Rio

Fotos que contam a História

Prefeito Madrugador



Pela posição das sombras das pessoas deduz-se que a foto foi tirada nas primeiras horas da manhã, onde aparecem, o Com. Mario Dedini, Prefeito Luciano Guidotti e seus acessores Leandro Guerini e Odilo Mortali

43

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial

O Autor



José Luiz Guidotti nasceu em Limeira-SP, no dia 28 de setembro de 1941. Filho do casal Luiz e Diva Ragazzo Guidotti. Casado com Vera Lúcia Fernandes Guidotti. Pai de sete filhos: Luiz Guidotti Neto, Carlos Eduardo (Dudu), José Luiz Guidotti Júnior, Paulo César, Katia Cristina, Kelly Cristina e Luciano Guidotti Sobrinho. Os netos são sete: Bruno, Danilo, Gustavo, Murillo, Emanuelly, Felipe e Ana Carolina.

Na mocidade jogou futebol nas equipes de amadores do XV de Novembro de Piracicaba, clube que em 1965, foi seu presidente. Mais tarde tornou-se árbitro de futebol, tendo militado por 17 anos na Federação Paulista e 8 anos na COBRAF da C. B. F. Foi instrutor oficial de árbitros da Federação Paulista de Futebol, tendo ministrado cerca de 50 cursos, em várias cidades do Estado de São Paulo. Sócio fundador e presidente por duas vezes do Panathlon Clube de Piracicaba. De 1994 a 2002, foi presidente do Tribunal de Justiça Desportiva de Piracicaba. Desde 1999, é presidente do Conselho Deliberativo do Clube Regatas Palmeiras de Piracicaba. Foi presidente do Aero Clube de Piracicaba.

No período de 1964 a 1968, foi vereador na Câmara Municipal de Piracicaba, tendo ocupado a 1ª Secretaria da Mesa. Durante seu mandato, licenciou-se para assumir o cargo de Oficial de Gabinete do Governador do Estado de São Paulo, Dr. Adhemar de Barros.

Como navegador, realizou em 1990, a histórica “I Navegação Fluvial Piracicaba-Montevidéu”; posteriormente empreendeu mais as seguintes navegações: “I Navegação Ecológica do Piracicaba”, “I Navegação Ecológica do Tietê”, “Navegação Histórica da Fundação de Piracicaba”, “Navegação Hidrovia Tietê-Paraná”, “I Navegação do Mercosul”, “Navegação pelo Rio Corumbataí”, “Navegação pelo Rio Paraíba do Sul”, “Projeto Amazônia - Rios Araguaia, Tocantins e Pará”, “Navegação Mercosul 2000” de Piracicaba a Buenos Aires, “Navegação no Caminho do Povoador”. Foram mais de 45 mil quilômetros percorridos pelos rios da América do Sul. Foi o idealizador do “Arrastão Ecológico”, tendo participado de vários eventos nos rios Piracicaba, Tietê, Capivari e Jaú. Idealizou e organizou vários eventos do “Passeio Ecológico de Bóias do Piracicaba”.

45

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial

Em 1966, fez o Curso de Relações Humanas, na Faculdade de Ciências Econômicas da UNIMEP; em 1971, o Curso de Liderança e Relações Humanas, na Faculdade de Ciências Econômicas de Bauru; em 1971, cursou a Escola de Árbitros da Federação Paulista de Futebol; em 1980, fez o Curso de Direito Desportivo, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas; em 1989, tirou a carteira de Arraes Amador, fornecida pela Marinha do Brasil; em 1993, foi credenciado Mestre Amador pela Marinha do Brasil.

Durante mais de 15 anos, foi colunista social e esportivo do jornal "Tribuna Piracicabana"; escritor com 9 livros publicados.

Recebeu as seguintes homenagens: 1967 - Medalha do Mérito do Bi-Centenário de Piracicaba - Prefeitura Municipal de Piracicaba; 1985 - Troféu de Melhor Árbitro do Futebol Paulista; 1992 Medalha José Bonifácio Andrada e Silva - Sociedade Brasileira de Heráldica e Medalhística; 2000 - Título de "Cidadão Portofelicense" Câmara Municipal de Porto Feliz-SP; 2001 - Destaque Ambiental 2001 - COMDEMA-Piracicaba; 2001 - Sócio Honorário do Bela Vista Nauti Clube; 2001 - Medalha "Amigo da Marinha" outorgada pela Marinha do Brasil; 2003 - Troféu Fumagali, a mais importante homenagem que a cidade de Limeira presta a um seu filho. Foi declarado Hóspede Oficial dos seguintes municípios: Jaú, Pederneiras, Valparaíso, Itapura, Barbosa, Pereira Barreto e Sabino. Recebeu Moções de Aplausos das seguintes câmaras municipais: Piracicaba (5), Aparecida do Taboado-MS, Sabino e São Pedro (2).

É membro do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, da Academia Piracicabana de Letras, ocupando a Cadeira nº 21, tendo como patrono Affonso de E. Taunay; do Panathlon Clube de Piracicaba e Sócio Honorário do Rotary Club de Piracicaba-Paulista.

46

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Edição Especial

Obras do Autor

AVENTURA NA BACIA DA PRATA



1ª edição
 Editora Shekinah - 1991
 2ª edição
 Unimep - 1999

NAVEGANDO PELO PIRACICABA



Editora Shekinah - 1992



O Tietê sem Segredos

Editora Degaspari - 1995



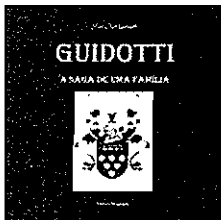
C.N. Editora - 1996



José Lutz Guidotti
 C.N. Editora - 1998



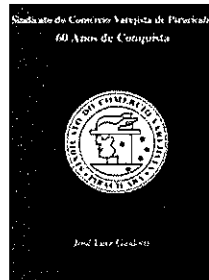
Editora Degaspari - 1999



Editora Degaspari - 2000



Editora Degaspari - 2001



Editora SESC - 2002

